Série III — Porto, 18 de junho de 1916 — Número 36

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam. adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo.
Número avulso, $01 (10 reis)

Quais serão as conseqüências da actual guerra?

O nosso camarada Pinto Quartim, solicitado pela redacção do diário republicano independente A Tarde, *de Lisboa, para depor sôbre as conseqüências prováveis que resultarão da actual guerra, respondeu dêste modo à pregunta formulada por aquele jornal:*

— O que sobrevirá a esta guerra? Mas para responder a esta pregunta temos de ter em conta esta outra: — Como terminará esta guerra? — Note que não me preocupo com saber se a vitória caberá a êste ou àquele partido em beligerância porque, propícia que essa vitória seja, em muito pouco modificará as conseqüências que a guerra ha de trazer para a liberdade e para o bem-estar da humanidade em geral. E é neste ponto de vista elevado que eu encaro a questão que a sua pregunta envolve. O que influe na previsão das conseqüências da actual guerra, é saber se a paz virá de cima ou de baixo, isto é, se ela será ditada pelos Estados ou se imposta pelos povos. Uma outra hipótese a estabelecer seria ainda a de a guerra terminar por decisão das armas. Das tres hipóteses estabelecidas, a mais desejavel seria a de a guerra terminar pela vontade das massas.

Só a intervenção geral e decidida do povo pode trazer para o futuro uma garantia de paz, dando aos povos o direito de disfrutar livremente de si próprios dando a máxima liberdade a todos os grupos étnicos e religiosos, e firmando-a na efectiva solidariedade internacional que não pode ser estabelecida por tratados nem por convenções mas pelo resultado da comunidade de interesses existentes entre os homens de tôdas as nações.

Não haverá vitória definitiva e todos os povos sofrerão com esta guerra.

Um conjunto de circunstâncias presentes levam-me, porêm, a não alimentar esperança na paz dos povos feita pelos próprios povos, como termo da actual conflagração dos Estados da Europa. A outra hipótese pode ser desde já posta de parte, porquanto tudo induz a concluir que nenhuma vitória definitiva pelas armas se dará. E assim, aumentadas as dificuldades financeiras e económicas, ameaçada a estabilidade dos Estados, exaustas, mais ou menos, ambas as partes, pactuar-se há uma paz qualquer. Assim sendo, quais serão as conseqüências imediatas da guerra? Para as prever não preciso tam pouco de saber quais as condições sôbre que será firmada a paz pelos Estados. Basta-me o conhecimento, de sciência certa, que a produção capitalista não visa à satisfação das necessidades da colectividade mas a tirar do capital o maior proveito possível e de que, sendo tôda a política dominada pelo egoismo de dinastia ou de classe, o seu fim é escravizar e nunca emancipar, para estar absolutamente convencido de que num tratado firmado pelos diplomatas não poderão ser tidos em conta os interêsses legítimos da colectividade.

Assim, para os povos, tanto para os vencidos como para os vencedores, esta guerra só trará tôda a sorte de males económicos, físicos e morais. O trabalho, desorganizado, lançará muitos braços na inactividade, forçando às grandes emigrações. A carestia da vida, já hoje insuportável em todos os países, quer beligerantes quer neutrais, será agravada porque não só os preços actuais jámais decrescerão, como teem tôda a tendência para subir, dada a perturbação e o aniquilamento, em regiões importantes, dos labores agrícolas, e ainda porque será sôbre o produto que ha de recair a tributação de guerra.

Por outro lado, os salários não sofrerão aumento que, de longe sequer, compense o agravamento do custo da vida. Acrescente-se ainda o agravamento de impostos para as pensões aos feridos e às famílias dos mortos em campanha, para a renovação do material de guerra inutilizado, para o pagamento de indemnizações e dos juros dos capitais emprestados e dos novos empréstimos, etc.

Pela interdependência dos fenómenos económicos, esta fabulosa contribuição de guerra pesará não só sôbre vencidos e vencedores como até sôbre os neutros, isto é, pesará sôbre o povo trabalhador do mundo inteiro — único que paga por todos que é o único que produz riqueza. Nem mesmo os habitantes da nação vencedora gosarão de mais bem-estar que antes da guerra: se houver conquista, serão êles que fornecerão os soldados que serão desterrados para o país conquistado quer para sufocar as rebeliões, quer para manter a conquista; e mesmo que se abram novos mercados, as vantagens serão só para o explorador do trabalho.

Sôbre o povo do país vencedor cairá o peso da tirania do Estado fortalecido. E, fortalecida com a vitória a classe dominante, esta tornar-se há mais insolente e mais reaccionária.

A esta situação económica acrescem os estragos de ordem física resultantes dessa «selecção às avessas» produzida pela guerra, e ainda os estragos de ordem moral, como por exemplo, o abatimento, o ódio, a sêde de vingança entre os vencidos e o orgulho dos vencedores.

As pequenas liberdades individuais de que gosavamos e que nos foram retiradas, não nos serão restituídas graciosamente depois da guerra. Os povos terão que recomeçar a luta para a sua reconquista, e só à custa de sucessivos movimentos grevistas, o proletariado conseguirá vencer a mesma proporção que anteriormente existia entre o seu salário e o custo da vida. Por essa tendência histórica da internacionalização, que já hoje torna tam estreitas e intensas as relações comerciais, intelectuais e morais entre os países, êstes efeitos sociais, políticos e económicos que prevejo não se farão sentir só a dentro das fronteiras das nações conflagradas mas repercutir-se hão em toda a parte.

Esta guerra não será a última — A preponderância do elemento guerreiro aumentará.

Quanto à esperança de que esta guerra seja a última, com profunda mágua confesso que a não alimento absolutamente. Imporá o tratado de paz a arbitragem obrigatória para os conflitos futuros? Mas quem imporá essa obrigatoriedade e como poderá ela ser garantida? Admitindo-se que o «perigo germânico» seja eliminado, não surgirá depois outro «perigo» qualquer: o eslavo, o americano, o amarelo, o negro? Não, não será esta a última guerra. As modificações que a carta política do mundo poderá sofrer e que sem dúvida não serão ditadas pelo espírito de justiça, serão outros tantos motivos, para novos conflitos. Depois, sendo a guerra efeito da concorrência comercial, guerras existirão enquanto prevalecer o regime capitalista. E como, pelo progresso incessante da indústria e do comércio *em todos os países* essa concorrência será cada vez maior e impossível de ser batida dentro da legalidade, pelo anúncio pelo reclamo pela deslealdade, e pelo descrédito, o comercialismo terá novamente de se bater pela fôrça, pela violência, no campo da guerra. E, firmada a paz, não se continuaria ainda a ensinar nas escolas a educação cívica, a cultivar o patriotismo nos povos — causa moral das guerras?

Como vê, não creio tam pouco no desarmamento nem sequer na redução dos exércitos. Como se defenderia a classe dominante de cada país do seu inimigo interno? O que fariam dos capitais fabulosos empregados nas indústrias de guerra? Que destino teriam os seis milhões de homens que, só na Europa, viviam, anteriormente à conflagração, da paz armada?

Tudo induz, muito pelo contrário, a crêr que a preponderância do elemento guerreiro aumentará: nos países vencidos, para preparar a desforra; nos países vencedores, para conservar a conquista.

A crise revolucionária não é uma falência definitiva—O futuro é dos ideais avançados

Não exultem, porêm, as classes conservadoras que confiam na recrudescência das suas ideas e contam com a falência do ideal socialista e libertário. Esta crise revolucionária passará como um eclipse sôbre a história da humanidade. Apagados os entusiasmos patrióticos, constrangida a reflectir amarguradamente sôbre a sua situação, a consciência entorpecida dos povos despertará. E constatada a falência económica e política do regime burguês, demonstrada a sua incapacidade para satisfazer as necessidades reais da colectividade e para garantir a paz e a liberdade dos povos, as fôrças socialistas tornar-se hão os factores do desenvolvimento do porvir.

Desiludido, por esta guerra, da eficácia de tôda essa série de disposições governativas, tais como arbitragem, «ententes», alianças ofensivas e defensivas, e tribunais de paz, o povo surgirá, com mais desenvolvimento de fôrça e consciência, para realizar o seu grande dever histórico: a libertação do proletariado, como obra dos proletários unidos de todos os países.

O espírito do internacionalismo renascerá robustecido, unindo os proletários separados internacionalmente dos seus irmãos, pela guerra.

E assim o recuo sofrido na organização operária e na propaganda dos ideais de emancipação, será vantajosamente compensado pelo avanço que a dura lição sofrida lhes impulsionará, de modo que, *al fin y al cabo*, esta guerra apenas terá conseguido apressar o ocaso da sociedade burguesa e aproximar a humanidade da sociedade libertária.

«Anárquico é o pensamento e para a Anarquia caminha a História.» Não é isto uma frase. É a conclusão a que se é forçoso chegar quando se prescruta a marcha evolutiva da humanidade e se compreende a revolução que dormita nas profundezas da alma dos povos.

Nas horas vagas...

Apanhado em flagrante delito de contradição, um guerrista qualquer, dando-se ares de pessoa inteligente, chama-me «néscio». Está no seu direito e eu não me zango com isso. O que lamento deveras é que, num país como o «nosso», onde abundam os *sábios* da laia daquele puritano do anarquismo, eu ainda não me tivesse feito *sábio* como êle. Será porque não tenho ligações nem compromissos directos ou indirectos com os Ir.·. do sr. Magalhães Lima?

Por causa dum manifesto contra a guerra foram presos, em Setubal, diversos camaradas. Após oito dias de prisão pronunciaram-nos e mandaram-nos embora, excepto ao correspondente de *A Aurora*, o nosso camarada José Artur Quaresma que, para recuperar a liberdade teve de arranjar um fiador a 1.000$00 escudos! Como os tempos que correm, no dizer do lunático mór do evolucionismo, são da mais estreita *ónion çagrada* e da tolerância mais absoluta, aquele caso é bem típico. Não é verdade, ó senhores guerristas?

A Junta Patriótica do Norte, instituição muito útil à defesa dos interesses capitalistas, conclui assim o seu quarto manifesto: *Um por todos; todos por um.* Em boa linguagem chama-se a isto chuchar com a tropa. Eles bem vêem a *farturinha* que por aí vai; mas fazendo-se Matias, pretendem obrigar os trabalhadores a defender e a aplaudir os senhorios que os sugam, os patrões que os exploram e os mercieiros-assambarcadores que os roubam. Também se não fosse para isso, não se fundava a Junta.

Operários! Abri os olhos e mandai-a abaixo de Braga...

Qualquer, que ontem era um ardente puritano da anarquia e hoje é um assanhado guerrista, puxado à baila foge pela tangente. Ora em face da sua resposta e como êle agora é um inseparável companheiro daquele escritor muito fértil em palavras terminadas em *ite*, eu ensarilho os braços e mostro-lhe as armas de S. Francisco...

Até vêr.

PEDRO GUIMARÃES.

Sermões ao ar livre

Quem leu a Bíblia há-de ter notado a facilidade com que Deus se irrita, é tomado de grandes cóleras, é presa de terríveis acessos de furor, cujas conseqüências nem sempre são benignas para os desgraçados filhos dos homens.

Teem-se escrito grossos e eruditos volumes para demonstrar a loucura de Jesus ou a epilepsia de Napoleão, as manias de Rousseau ou as taras de lord Byron, e de muitos outros grandes homens ou ficções enormes...

Creio, porêm, que ainda nenhum poderoso sábio se lembrou de consagrar o seu precioso tempo à paciente investigação dos documentos e testemunhos comprovativos do desarranjo psicopático do velho Jeová ou Iaveth hebraico.

De que espécie de epilepsia, de que mal obscuro e arripiante terá sofrido a infeliz divindade? E terá sido mal hereditário?

Problema que ouso propôr às profundas meditações dos psiquíatras desocupados e às dos desocupadíssimos teólogos, que na sua solução teriam talvez a chave do outro magno problema da existência do mal sôbre a Terra e das imperfeições dos homens, criaturas de Deus: esta bola, reconhecido vale de lágrimas, teria sido feita durante um terrível acesso de epilepsia divina.

ZENO VAZ.

POR LISBOA

SOCIALISTAS POLÍTICOS

Da mesa da assembleia geral da Associação de Classe dos Condutores de Carroças recebemos uma interessante carta, assinada por José Henriques intimando-nos a rectificar o seguinte periodo de um artigo publicado no n.º 33 da «Aurora», artigo referente à greve dos condutores de carroças:

«E da pústula ascorosa de tôda essa gangrena social jorra um pus ainda mais nauseante que provoca vómitos. Socialistas (politicos) cotados na organização operária, com responsabilidades adentro da mesma organização, ao lado desses desgraçados, aliás desculpáveis pela ignorância, de guias na mão, protegidos pela fôrça, atraiçoam miseràvelmente, desavergonhadamente os seus irmãos...»

A que propósito veem, a mesa e o comité grevista, tam ardentemente defender o sr. Maximiano Marques, sabendo essas entidades que o artigo não se refere a êsse senhor? Diz-nos ainda a carta que a classe não admite a quem quer que seja que se intrometa na sua causa associativa, o que nos demonstra má interpretação na leitura do artigo, pois que êle se refere elogiosamente à classe, ficando-nos todo o direito de atacarmos rigorosamente todos os individuos que tentaram turar a greve, digam-se là o que se disserem.

A organização operária não se restringe à associação dos condutores de carroças, mas a um agregado nacional e internacional de tôdas as classes como tem sido acordado em todos os congressos operários, ficando na contingência da censura colectiva de tôda a organização aquela classe que prevarica sôbre o acôrdo tomado. Nessa contingência se encontra actualmente a referida associação, conservando ainda no seu seio, e na qualidade de presidente da direcção, o sr. Maximiano Marques, cuja perma-

No Ecran

Da Cochinchina

IV

ainda ontem? Patife! patife! patife! e bate com os pés na lage a acompanhar cada maldição proferida.

—Corta-se-lhe uma orelha.

—Parte-se-lhe a cabeça!

—Esgana-se êsse biltre, êsse explorador.

O escandalo desenvolve-se, o povo aglomera-se, os apartes cruzam-se, a indignação cresce. O mercieiro, desesperado, agride uma das manifestantes, que rebola pelo chão adiante até à rua, tôda descomposta, pernas ao ar até à cintura.

Foi como um lume lançado a um barril de pólvora: a multidão explodiu. Aquele insignificante incidente serve de prólogo ao motim. Há ocasiões em que do mais leve pretexto nasce uma Revolta. Esta foi uma delas, e assim o borborinho rebentou terrivel. Homens, mulheres e crianças, num torvelinho medonho, correm a armar-se de machados, de facas de cosinha, de paus, de espingardas caçadeiras e outras, de révólveres, de pistolas, de pedras, de ferros, em forma de lanças. A mercearia é atacada com fúria, no meio dum marulhar semelhante ao do mar da China encapelado e quando bate de encontro ao fraguedo. Um grupo de individuos, talvez desses revolucionários que sempre se sacrificam pela Humanidade oprimida, consegue cortar os fios telefónicos e telegráficos, subindo aos muros, trepando aos postes, alcandorando-se com a agilidade do gato nos canos vindos dos beirais, depois de examinados rápidamente, ou então subindo aos andares de qualquer vizinho e conhecido. Quando estes lances se tornam impossíveis, com uma corda fina mas forte e com uma pedra seguramente atada a uma das extremidades, como os rapazes com os réus-réus, singra em direcção aos fios, no ponto mais baixo, a pedra presa ao cordel forte, que se enrodilha no de cobre. Depois os revolucionários puxam com violência, partindo-se os fios como se fossem cordas de viola, que se arrastam pelos telhados.

Todos os estabelecimentos são assaltados, mesmo à vista de alguns policias de giro, que foram desarmados e são impelidos pelo multidão insurreccionada a acompanhá-la na sua reivindita.

A luta generaliza-se por todo o bairro. Tudo em pé de guerra. Os balcões são estilhaçados e deitados à rua e todo o vazilhame encontrado nos lotes ou fora deles é arremessado violentamente sobre o caminho, fazendo-se em cacos e entornando-se os vinhos e os bagaços